

Aires A. Nascimento e Maria Cristina C. M. S. Pimentel, *Ovídio: exílio e poesia. Leituras ovidianas no bimilenário da “relegatio”, Lisboa, Centro de Estudos clássicos, 2007 (183 pp.).*

CARLOS DE MIGUEL MORA¹

Universidade de Aveiro — CLC

No mesmo ano da realização do Colóquio Internacional *Ovídio: exílio e poesia* (Lisboa, 21 de Junho de 2007), vêm a lume as suas Actas, num cuidado volume. Neste caso, podemos afirmar que a rapidez não trouxe consigo precipitação, mas antes pelo contrário veio acompanhada de reflectido rigor. A capa é apelativa, o cuidado gráfico extremado e as gralhas praticamente inexistentes. O bem organizado colóquio que, a par do bimilenário da “relegatio” do Sulmonense, comemorava o quadragésimo aniversário do Centro de Estudos Clássicos de Lisboa bem merecia um cólofon à altura.

Tanto o estudioso conhecedor da obra ovidiana do exílio como o neófito curioso por estes temas encontrarão nesta colectânea de trabalhos motivo para o desfrute intelectual. A abrir o conjunto de artigos, o Prof. Aires Nascimento tece ponderadas considerações sobre a relação entre o estado anímico de Ovídio em Tomos, a sua profunda soledade e a sua criação poética. No fio destes pensamentos toma em consideração várias teorias sobre o exílio, incluindo a do exílio fingido, que foi defendida nesta revista há vários anos. Interessa ao autor essa recriação fictícia da realidade de que Ovídio se serve para conceber um novo tipo de poesia elegíaca (diríamos “saudosista”, embora o autor não chegue a utilizar esta palavra, preferindo “da soledade”), poesia criada a partir de conhecidos temas elegíacos com o acrescento de outros próprios da *consolatio*.

Aldo Luisi aporta novos argumentos para apoiar uma tese que, no geral, já defendeu noutros sítios: que as causas do exílio foram políticas. O autor dá relevo ao assunto da sucessão imperial e da complicada rede de alianças e interesses políticos. Uma depurada análise das fontes leva-o a considerar a existência de três linhas de tendências políticas que

¹ cmm@ua.pt

existiam à volta do principado e que causaram alguns desencontros nos momentos de crise sucessória: uma tradicionalista republicana, outra de um principado moderado e uma última de principado caracterizado por elementos autocráticos. Após o estudo da simbologia associada a cada personagem, chega à conclusão de que os *Fastos* podiam ser entendidos como um panegírico à *gens Fabia*, coisa que a família imperial não podia permitir.

Nuno Júdice estuda a influência que a poesia ovidiana do exílio teve sobre autores portugueses do séc. XX. O único, em todo o caso, que citou explicitamente o Sulmonense foi Jorge de Sena. Mas, para além de Sena, o autor descobre reminiscências claras, mesmo que às vezes por via indirecta, em Vasco Graça Moura e Fiamma Hasse Brandão.

Carlos André estuda o segundo livro dos *Tristia* como poema de defesa contra a decisão da *relegatio*. A base de análise é a mesma que a do estudo de Focardi mas, se o italiano estuda o poema enquanto peça de retórica, Carlos André centra-se na questão das estratégias defensivas. O poeta segue uma cuidada táctica estratégica que inclui a adulação feita ao imperador, o “desvio” da atenção (em lugar de explicar o *error* vai falar do *carmen*), a comparação com outros autores (não foi o único a escrever os amores, mas foi o único castigado) e a vitimização. Argumenta Carlos André que a insistência na defesa da poesia, silenciando pelo contrário a *culpa*, não passa de uma estratégia para se defender aos olhos públicos da única acusação de que lhe era factível se defender: o *carmen*.

Eduardo Vera-Cruz Pinto fala de um aspecto que resultará interessante para o estudioso da poesia ovidiana, pois normalmente se desconhece: a importância do caso de Ovídio em particular (e da cultura clássica e o latim no geral) para os estudos de Direito. O mistério que envolve o exílio ovidiano torna esta mais interessante para a sua utilização didáctica em Direito romano.

Paolo Fedeli já nos habituou às suas fascinantes análises literárias. É por isso que o seu comentário ao terceiro poema do primeiro livro dos *Tristia* não tem desperdício. Impossível e desnecessário será resumir aqui

o seu conteúdo, especialmente para quem já conhecer as leituras do estudioso italiano.

Vanda Anastácio e Inês de Ornellas e Castro entram no século das luzes para iluminar o leitor sobre o ensino do latim a mulheres nesta época. Centrando-se no caso da Marquesa de Alorna, provam através da sua correspondência não só o domínio do latim da parte desta, mas também o seu conhecimento de Ovídio (também esta escreve *Heróidas*, se bem que diferentes das do poeta latino) e a forma como esta comparava a sua clausura com o exílio do Sulmonense.

Ana Paula Correia trabalha o interessante e geralmente desconhecido âmbito da azulejaria barroca. Que as *Metamorphoses* ovidianas foram desde sempre a maior fonte literária de inspiração para a pintura não é novo, mas a presença destas nos azulejos portugueses é um assunto pouco conhecido sobre o qual a autora nos ilustra. Ana Paula Correia, no seu exaustivo artigo, não só identifica as cenas da épica ovidiana nos azulejos, mas também localiza as gravuras originais de onde os artistas as copiaram, normalmente importantes edições ilustradas da obra bem conhecidas na altura.

Cristina Pinheiro realiza um estudo literário sobre como Ovidio apresenta as *matres orbae* nas *Metamorphoses*, centrando-se especificamente em Clímene, Ceres, Niobe e Hécuba, embora acrescente posteriormente as mães filicidas Agave, Procne e Alteia. Estabelece uma comparação em termos metafóricos e conceptuais, ainda que também inclua de quando em quando análises formais.

Raul Rosado Fernandes passa o seu olhar pela preocupação de Augusto pelo restauro da moral e, após uma rápida revisão de algumas teorias sobre as causas do exílio, apresenta algumas chaves que apoiam a velha teoria de que as causas tiveram muito a ver com o facto de a poesia ovidiana ir contra a reforma moral do imperador, por incentivar atitudes de relaxamento moral.

A fechar o livro aparecem as palavras que Cristina Pimentel pronunciou no encerramento do congresso.

A estrutura do livro mantém a ordem dos intervenientes no Congresso. E aí se situa o único senão que apontaria à obra. Que se trata

das Actas de um Congresso não se esconde a ninguém: muito pelo contrário, a indicação aparece já na capa. Mas mesmo assim, a publicação de um volume convida a pensar num livro estruturado de alguma maneira. Saltar da análise das causas do exílio para a influência da poesia ovidiana em autores do séc. XX pode desconcertar o leitor que tenta ler a obra no seu conjunto. Teria sido uma mais-valia tentar um arranjo cronológico ou temático dos trabalhos, de modo a criar uma coerência narrativa. À parte esta questão, é com certeza uma obra do maior interesse para um público muito variado, que não defraudará as expectativas de estudantes e estudiosos.

ALGUMAS OBRAS DE ANDRÉ DE RESENDE, VOL. II (1529-1551). In honorem Dr. Miguel Pinto de Meneses – II. Edição, introdução e estudo de Manuel Cadafaz de Matos. Fac-símile de cinco edições quinhentistas impressas do humanista eborense. Com leitura diplomática e versão portuguesa actualizada por R. M. Rosado Fernandes, António Guimarães Pinto, Virgínia Soares Pereira, António Jorge da Silva, Américo da Costa Ramalho e José da Silva Terra. Lisboa, Edições Távola Redonda, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição (C.E.H.L.E.) – XVI, s.d. – 685 p.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

Universidade do Minho

Integrado na Colecção “Fontes Históricas da Cultura Tipográfica Portuguesa” — XVI, das Edições *Távola Redonda*, veio a lume, nos finais de 2008, o volume *Algumas obras de André de Resende, vol. II (1529-1551)*, organizado por Manuel Cadafaz de Matos, que foi responsável pela edição, pela introdução e pelo estudo de múltiplos aspectos relacionados com as obras resendianas publicadas. Como vem expresso na capa, o volume, que atinge o avultado número de 685 páginas, dá a conhecer — não apenas em texto latino, tradução e notas, mas também em reprodução fac-similada do original latino — um conjunto de obras de André de Resende, umas já divulgadas em tradução, outras traduzidas pela primeira vez. Este segundo volume dedicado às